

EDITORIAL

Este número de dezembro de 1998 de nossa revista *Veritas* apresenta as conferências e comunicações feitas durante o *Congresso Internacional: DiaPoa/98*, realizado em maio de 1998 nesta PUCRS, Porto Alegre, sob os auspícios do Grupo de Pesquisas Integradas Dialética. Como foi amplamente divulgado o GPI Dialética, grupo de pesquisa devidamente registrado na PUCRS e no CNPq, pretende realizar todos os anos, sempre na primeira ou segunda semana de maio, um encontro semelhante em que os grandes autores e as grandes questões da Dialética serão estudados e discutidos. Pode aqui surgir a questão, para quem não conhece os integrantes do GPI: Após a queda do Muro de Berlim e da dissolução da União Soviética, vale ainda a pena discutir a Dialética? A Dialética não acabou? A resposta de nossa parte é igualmente concisa e exata: Por acaso Platão e Hegel acabaram? Plotino, Agostinho, Proclo? Scotus Eriúgena e Nicolaus Cusanus? Espinosa? O problema da contradição como motor da Dialética foi resolvido de forma cabal e definitiva? As soluções apresentadas são aceitas pacificamente pela comunidade filosófica? O necessitarismo que caracteriza os sistemas dialéticos foi localizado em cada autor, identificando-se sua raiz lógica? Há solução que supere este déficit intelectual da Dialética? É o formalismo vazio de Kant ou a *Sittlichkeit* de Hegel que podem servir de fundamento de uma Ética hoje? A Dialética pode, hoje ainda, ser defendida?

Nós, o GPI Dialética, pensamos que sim. A Dialética pode, sim, ser expurgada de seus erros fundamentais – o papel ambíguo da contradição e o necessitarismo – e pode, portanto, ser defendida. Mais, ela deve ser defendida. Pois ela é a única doutrina filosófica, solidamente ancorada na tradição, que dá resposta e solução aos dois mais urgentes problemas filosóficos de nosso mundo, assim chamado pós-moderno: a fragmentação da razão e a emergência de um novo paradigma nas ciências, a saber, a Teoria dos Sistemas.

A razão da modernidade, a razão de Descartes, Espinosa, Kant, Fichte, Schelling e especialmente de Hegel, foi destruída a golpes de marreta por Nietzsche. De lá para cá aprendemos, com Heidegger, que existem muitos horizontes diferentes. Aprendemos com o segundo Wittgenstein que múltiplos são os jogos de linguagem. Isso, por um lado, nos enriqueceu muito. Ficamos mais tolerantes e abertos para com o Outro. Mas, por outro lado, perdemos a unidade da razão. A velha e veneranda razão de nossa tradi-

ção, única, una, oniabrangente, ficou reduzida a cacos desconexos. Nossa visão do mundo ficou irremediavelmente fragmentada. Com isso, nós mesmos ficamos fragmentados. Nossa identidade entrou em crise. Afinal, quem somos? A Filosofia não dá mais respostas. A Metafísica, dizem, morreu. Hoje o que temos é só a análise da linguagem. E linguagens existem muitas. O sentido do mundo? O sentido de nossa vida? O primeiro Wittgenstein, após uma belíssima argumentação, o *Tractatus*, composta totalmente de proposições que são, elas mesmas, sem-sentido, nos diz que só podemos fazer uma coisa sensata: calar. Calar? Calar com Wittgenstein? Ou tentar aninhar-nos em algum canto da Casa da Linguagem de Heidegger?

Dois gigantes da Filosofia contemporânea, ambos muito amigos nossos, Habermas e Apel, afirmam que a Filosofia percorreu três etapas que se sucederam: o paradigma do ser, o paradigma da consciência, o paradigma da linguagem. Não podemos retroceder, dizem eles. Filosofia hoje é Filosofia da Linguagem, Semiótica Transcendental em Apel, Razão Comunicativa em Habermas. E o ser? E a consciência? São etapas que passaram, afirmam eles, e que jamais voltarão. Ao invés de perguntar pelo sentido do mundo e de nossa vida, devemos fazer análise de linguagem, análise de proposições. Ou então, voltarmos para o passado como meros estudiosos da História da Filosofia, como historiadores que estudam e catalogam os esqueletos de doutrinas e de sistemas que alvejam às margens da estrada da Filosofia.

Nós, os membros deste GPI Dialética, não pensamos assim. Pensamos – e temos argumentos para isso – que os três paradigmas se sobrepõem e que cada questão pode e deve ser estudada em cada um dos paradigmas. O Paradigma da Linguagem, quando bem estudado, se mostra como sobreposto ao Paradigma da Consciência, este ao Paradigma do Ser. Os mesmos problemas, com roupagens diferentes, aparecem em cada um deles exigindo solução. É por isso que nós, o GPI Dialética, estamos firmemente convictos que Platão, Agostinho e Hegel não são meros esqueletos, sem sangue e sem carne, sem vida, abandonados à beira da estrada da História da Filosofia. Não. Estamos convictos de que Platão tinha razão quando dizia que a Dialética é o método da Filosofia. Platão continua tendo razão: quem aprender a manejar a Dialética saberá resolver, em princípio, todos os problemas da Filosofia. Esta era também a convicção de Plotino e Proclo, de Agostinho, do Eriúgena, do Cusanus, de Hegel. Essa é também nossa convicção. Sobre Platão e Hegel, corrigindo-os e modernizando-os onde for necessário, queremos reconstruir o edifício da razão una, única, abrangente, aquela razão que as crises de nossos tempos estão a exigir. Tarefa imensa. Tarefa inacabável. Concedido o ponto.

Ficaremos satisfeitos se nosso GPI Dialética puder contribuir, com suas modestas propostas e estudos, para que a construção do grande mosaico da razão não sofra solução de continuidade.

Quem somos? Seja-me permitido apresentar-nos. Meu nome é Carlos Cirne-Lima, estudei em Munique e Viena, doutorei-me em Innsbruck, fui Professor Titular na UFRGS, onde me aposentei, e hoje sou Professor Titular nesta PUCRS. Meu campo de pesquisa é Hegel. Mais especificamente: a questão da contradição como motor da Dialética e o problema da contingência e da liberdade no sistema de Hegel. Fui escolhido líder do GPI, neste começo, por cortesia de meus colegas. Razão mesma há uma só: sou o mais velho. Dentre meus trabalhos recomendo, por representarem o estágio atual de minha pesquisa, *Dialética para Principiantes* (EDIPUCRS, Porto Alegre, 1997) e o artigo *Dialética e Liberdade*, neste número da *Veritas*.

Manfredo Araújo de Oliveira, Professor Titular na Universidade Federal do Ceará, estudou em Roma e fez o Doutorado na Universidade de Munique, sob a orientação do Professor Max Müller. Manfredo é meu amigo e interlocutor privilegiado há mais de vinte anos e, por isso, tudo que eu disser é suspeito. Tudo que ambos escrevemos, discutimos antes. Mas uma coisa posso e devo dizer, pois é um dado empírico de verificação imediata: Manfredo de Oliveira é o filósofo mais produtivo do Brasil, ou seja, ninguém nestes últimos quinze anos publicou mais livros e artigos científicos sobre Filosofia do que ele. Quanto à qualidade? Bem, sou amigo, sou suspeito, não posso falar. Mas aconselho: Leiam *Ética e Sociabilidade* (Loyola, 1993), *Sobre a Fundamentação* (EDIPUCRS, Porto Alegre, 1993), *Ética e Economia* (Ática, 1995), *Tópicos sobre Dialética* (EDIPUCRS, Porto Alegre, 1997) e *Reviravolta Lingüístico-Pragmática na filosofia contemporânea* (Loyola, 1996). Depois de ler, não restarão dúvidas sobre a excelência acadêmica do autor. Manfredo trabalha especificamente a relação existente entre o método transcendental (Kant e Apel) e o método dialético.

Jayme Paviani estudou na Universidade de Caxias do Sul e nesta PUCRS onde se doutorou. É mérito dele, enquanto Coordenador do Programa de Pós-Graduação, encarregado e apoiado em tudo pelo Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação Prof. Urbano Zilles (também um Filósofo, não por acaso especialista em Cusanus, um Dialético), de nos ter trazido para a PUCRS e ter organizado o curso e elevado à competência que ora exhibe. Paviani trabalha Platão, mais especificamente a Dialética em Platão. Nos anos 70 e 80 dedicou-se ao estudo da fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty. Conduzido pelos problemas do método, do conhecimento e da linguagem, a partir dos anos 90 examina essas questões em Platão. À sensibilidade literária Paviani alia a clareza e a acribia de quem leva a

Dialética a sério. Preciso dizer mais? Leia-se dele os recentes artigos sobre os processos dialéticos em Platão e, entre outros livros, *Racionalidade estética* (1989), *Escrita e linguagem em Platão* (1993), *Formas de dizer* (1998).

Thadeu Weber fez o Mestrado nesta PUCRS e o Doutorado na UFRGS, onde eu, à época, ainda lecionava e onde tive o prazer e a honra de ser seu orientador. Sua Tese de Doutorado, hoje o mais importante livro sobre o assunto em português, foi *Hegel: Liberdade, Estado e História* (Editora Vozes, 1993). Hoje, Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas desta PUCRS, Thadeu Weber encontrou tempo e disposição para escrever *Ética e filosofia política: Hegel e o formalismo kantiano* (EDIPUCRS, 1998), mais uma excelente contribuição de nosso GPI sobre a Dialética.

Draiton Souza, Professor desta PUCRS, fez seu Mestrado aqui mesmo conosco, o Doutorado sobre Feuerbach na Universidade de Kassel, na Alemanha, onde publicou a tese: *Zur Ethik Ludwig Feuerbachs (Sobre a ética de Feuerbach)* – (Göttingen: Cuvellier, 1998).

E os jovens? Os jovens estão aí, trabalhando, pesquisando, escrevendo. Eduardo Luft, também Professor desta PUCRS, é Doutorando neste Programa de Pós-Graduação sob minha orientação, e está terminando em Heidelberg sua Tese de Doutorado sobre Hegel. Sérgio Sardi, também Professor desta PUCRS, fez Mestrado sobre Platão na PUCRS sob orientação do colega Reinhold Ullmann, e está agora terminando seu Doutorado na Universidade de Campinas – São Paulo. Custódio Almeida, Professor na Universidade Federal do Ceará, aluno de Manfredo de Oliveira, veio fazer o Doutorado aqui conosco, onde sob minha orientação está fazendo uma tese sobre o núcleo platônico (dialético) na Hermenêutica de Hans Georg Gadamer. Reginaldo Rodrigues da Costa, professor na Universidade Estadual do Ceará, faz, sob minha orientação, doutorado nesta PUCRS sobre a gênese da verdade na dialógica da Semiótica Transcendental de Karl-Otto Apel.

Carlos Roberto V. Cirne-Lima

Porto Alegre, Setembro / 1998